

Ucrânia admite recuo para chegar a um acordo de paz

Presidente Volodymyr Zelensky afirma, pela primeira vez, que a Ucrânia pode desistir da adesão à Otan e debater um compromisso sobre região separatista. Forças de Moscou são acusadas de atacar corredor humanitário em Mariupol

Um aceno para a paz

RODRIGO CRAVEIRO

Pela primeira vez, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, admitiu moderação sobre uma possível adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e uma negociação em busca de um compromisso sobre o status de Donbass — região controlada pelos russos, no leste da ex-república soviética. "Em relação à Otan, moderei minha posição sobre essa questão há algum tempo, quando entendemos que a aliança militar não está pronta para aceitar a Ucrânia", declarou, antes de alinhar a Otan. "A aliança tem medo de qualquer controvérsia e de um confronto com a Rússia."

Zelensky afirmou que pode debater itens sobre "os territórios ocupados temporariamente e as pseudorepúblicas não reconhecidas por ninguém além da Rússia". Podemos achar um compromisso sobre como esses territórios viverão daqui em diante, acrescentou. As declarações, feitas na madrugada de ontem à rede de TV norte-americana ABC, sinalizariam a primeira indicação de uma saída diplomática para a guerra. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, condiciona a suspensão da "operação especial" na Ucrânia à desmilitarização de Kiev; ao reconhecimento das repúblicas separatistas de Donetsk e Luhansk; e à independência da Crimeia, anexada em 2014 por Moscou.

Horas mais tarde, o próprio Zelensky fez um discurso histórico no Parlamento britânico, por meio de videoconferência, em que adotou um tom de confrontação. Ele invocou o ex-primeiro-ministro Winston Churchill (1940-1945) e foi aplaudido de pé. "Não nos renderemos e não perderemos. Lutaremos até o fim, no mar, no ar. Continuaremos lutando por nossa terra, custo o que custar, nas florestas, nos campos, nas costas, nas ruas", declarou. Em junho de 1940, no momento em que a Alemanha nazista conquistava territórios na Europa, Churchill tinha feito uma promessa parecida em discurso ao Parlamento, em Westminster.

Zelensky lembrou que a Ucrânia mergulhou em uma guerra não provocada e indesejável. "Desde o primeiro dia, não dormimos, todos lutamos pelo nosso país, com o nosso exército", disse. Em seu discurso, o ucraniano citou ainda o escritor inglês William Shakespeare. "A questão para nós, agora, é ser ou não ser", disse. "Agora posso lhe dar uma resposta definitiva: é sim, ser". Ele pediu aos britânicos que aumentem a pressão das sanções contra a Rússia e a reconheçam como um Estado



Zelensky fala remotamente ao Parlamento do Reino Unido, em discurso histórico: pedido de zona de exclusão aérea e de mais sanções



Ucraniana abraça a filha durante travessia da fronteira com a Polônia, a bordo de ônibus

terrorista. Também fez um apelo por uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia. "Por favor, certifique-se de que nossos céus estejam seguros."

Em entrevista ao Correio, Oleksiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), disse que interpretou as declarações de Zelensky à rede de TV ABC sob outra perspectiva. "Não reconhecemos a Crimeia como uma parte da Rússia e a independência das pseudorepúblicas do leste. O que ele quis dizer é que podemos discutir condições sobre quais partes da região de Donbass ocupada podem ser devolvidas à Ucrânia. Em relação à Otan, Zelensky quer

encontrar outros meios de garantias de segurança. Um apoio militar claro da comunidade internacional", explicou por telefone. Haran lembrou que, antes da guerra, o presidente foi criticado pelas forças políticas rivais. "Com a invasão, os partidos do governo e da oposição se uniram. Uma pesquisa divulgada em 1º de março mostra que Zelensky conta com 93% de apoio da população. Ele se tornou símbolo da resistência."

Fuga do inferno

Enquanto Zelensky falava ao Parlamento, milhares de ucranianos aproveitavam o primeiro dia de abertura de um corredor

humanitário para fugir do país. Até o fechamento desta edição, mais de 2 milhões de civis tinham atravessado as fronteiras para nações vizinhas, especialmente a Polônia. Eles deixaram suas casas, seus sonhos e suas vidas para trás. O Ministério da Defesa da Ucrânia acusou a Rússia de violar o cessar-fogo na estratégica cidade portuária de Mariupol, praticamente devastada pelos bombardeios. "O inimigo executou um ataque na direção do corredor humanitário", afirmou o comunicado. Os russos prometem uma trégua humanitária para a manhã de hoje.

Diretor do Centro de Pesquisa para Segurança Regional da Universidade Estadual de Sumy,

Vozes da guerra



Mykola Nazarov, professor, morador de Sumy (nordeste)

"Os ucranianos estão unidos para defender o país. Quem tem formação militar o faz com armas. Um grande número de pessoas e organizações trabalham, em rede, por uma causa comum; fornecer aos combatentes comida, roupas e o que precisarem. É difícil segurar as lágrimas quando se vê essa ajuda."



Leslyk Yakymchuk, 29 anos, cineasta, morador de Kiev

"A situação por aqui é muito estressante. Estamos prontos para nova escalada de ataques à capital. De vez em quando, escutamos os sirenes antiaéreas. Quando isso ocorre, temos que correr até os abrigos, pois significa que os russos estão lançando bombas. Felizmente, nossos políticos nos protegem. Parece que os russos desistiram de tomar Kiev. Mas quem sabe ao certo?"



Dmytro Tishchenko, 28 anos, fundador e diretor da revista Culturcity, em Sumy

"Na segunda-feira, os russos bombardearam 15 casas na cidade, matando 21 pessoas. Estamos cercados há 10 dias e enfrentamos uma catástrofe humanitária. No sábado, os russos destruíram as centrais de eletricidade e de aquecimento. O corredor humanitário é uma boa possibilidade para quem não tem suprimentos e para os doentes."

Xi Jinping recomenda "contenção máxima"

Em meio a fortes críticas sobre uma suposta aliança com a Rússia, a China expressou, ontem, profunda preocupação com os desdobramentos da guerra. Durante uma videoconferência com o presidente francês, Emmanuel Macron, e com o chanceler alemão, Olaf Scholz, o líder chinês, Xi Jinping, pediu "contenção máxima" no conflito.

A China, que mantém boas relações com Moscou, se recusou até o momento a usar o termo

invasão e limitou-se a "lamentar" o conflito no país, ao mesmo tempo que afirma "entender" as preocupações da Rússia com a segurança. Porém, durante a conversa, Xi declarou que estava "profundamente triste por acompanhar uma nova guerra no continente europeu", segundo a televisão pública chinesa CCTV.

"Queremos fazer um apelo por contenção máxima para evitar uma grande crise humanitária", acrescentou Xi, sem

condenar a ofensiva iniciada em 24 de fevereiro pelo presidente russo, Vladimir Putin. O chinês disse a Macron e a Scholz que "aprecia os esforços de França e Alemanha para atuar como mediadores na Ucrânia".

Pequim também está disposto a desempenhar "um papel ativo", afirmou Xi, segundo a emissora. "Devemos apoiar juntos as negociações de paz entre Rússia e Ucrânia", afirmou Xi, embora até o momento as rodadas

de negociações em Belarus não tenham apresentado resultados.

Polônia

A Polónia se disse pronta a colocar "sem demora" aviões Mig-29 à disposição dos Estados Unidos, indicou o Ministério das Relações Exteriores polonês, abrindo caminho para a possível transferência dessas aeronaves à Ucrânia. Os EUA classificaram a proposta como "não sustentável".



Macron conversa com Xi e com o chanceler alemão, Olaf Scholz

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

**Seção:** Mundo **Página:** 2